

A SEMANA – 181

John Gledson

“Agora começam as festas”, diz o cronista, depois de dois (dos três) parágrafos de abertura curiosamente – gratuitamente – agressivos. Isto é, só agora, seis anos depois do estabelecimento da República, podemos começar a comemorar. A frase tem um certo veneno, porque sublinha o fato de que nos anos anteriores, as tensões políticas tinham impedido quaisquer festejos nos dias 15 de novembro – em 1891, estávamos entre dois golpes, em 1892, já no regime florianista, estava presente a tensão que no ano seguinte levou à Revolta da Armada; em 1894 o ex-presidente recusou-se a aparecer na posse de Prudente de Morais, o primeiro presidente civil.

Esta crônica nos oferece uma visão resumidíssima mas fascinante destes anos, do ponto de vista do cronista. Qual tem sido o progresso do novo regime (se houve algum)? Decerto, Machado era extremamente cético em relação à questão. Era monarquista, embora as esperanças de uma restauração estivessem cada vez mais remotas. A doença que proclama alto e bom som na abertura é uma expressão metafórica desta antipatia? Pode ser: certamente é um bom pretexto para ter-se ausentado das cerimônias, e talvez pelo tamanho da crônica, relativamente curta.

As duas festas que menciona, o baile para celebrar o aniversário de Deodoro, no dia 5 de agosto de 1890, e o juramento da constituição pelos novos presidente e vice-presidente, no dia 26 de fevereiro de 1891, são significativas – e é interessante saber que Machado esteve presente em ambas. Sabemos disso porque, no primeiro caso, a *Gazeta* nos informa, no segundo, porque ele mesmo no-lo diz em primeira pessoa (“tive ocasião de observar”, “comparei”). Através de ambas, mostra sua opinião sobre os dois chefes que presidiram a primeira república. Obviamente, Deodoro é a figura mais simpática, e o baile ilustra a euforia do novo regime (no meio do Encilhamento). O retrato de Floriano é claramente o menos atraente, mas devemos precaver-nos contra achar aqui um caso do bem e do mal. Não é só a fama de conquistador em série do generalíssimo – “ou conhecia-as todas?” (será por isso que houve relativa ausência de mulheres – inclusive d. Carolina – na festa?) –, é a falta de respeito numa ocasião solene, que Machado desaprova. Deixa ao leitor julgar ou opinar – um caso evidente de diplomacia.

No fim da crônica, sinto a presença próxima de um ensaio famoso, de um dos autores que Machado mais admirava – amava? –, Ernest Renan. A fama de “Qu’est ce qu’une nation?”, de 1882, cresceu muito nos últimos anos. Uma de suas ideias centrais e mais influentes é o papel necessário do *olvido* na construção de uma nação: “Or l’essence d’une nation est que tous les individus aient beaucoup de choses en commun, et aussi que tous aient oublié bien des choses”, “Ora, a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido uma porção de coisas”. Talvez aí se resuma muito da atitude de Machado perante os acontecimentos de 1889 a 1895.

A *Gazeta de Notícias* deste dia reproduzida no microfilme foi rasgada, e falta um trecho considerável da crônica, desde “aprumo” no sexto parágrafo até “felicitações” no oitavo. Felizmente, dispomos de duas leituras baseadas no texto do jornal, a de Aurélio e a de Mário de Alencar – nas p. 272-275 da sua antologia, em que a crônica vem com a data equivocada: “19 de Novembro.”



A SEMANA

17 de novembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Tal é o meu estado, que não sei se acabarei isto. A cabeça dói-me, os olhos doem-me, todo este corpo dói-me.¹ Sei que não tens nada com as minhas mazelas, nem eu as conto aqui para interessar-te; conto-as, porque há certo alívio em dizer a gente o que padece. O interesse é meu; tu podes ir almoçar ou passear.

Vai passear, e observa o que são línguas. Se eu escrevesse em francês, ter-te-ia feito tal injúria, que tu, se fosses brioso, e não és outra coisa, lavarias com sangue.² Como escrevo em português, dei-te apenas um conselho, uma sugestão; irás passear deveras para aproveitar a manhã. Reflete como os homens divergem, como as línguas se opõem umas às outras, como este mundo é um campo de batalha. Reflete, mas não deixes de ir passear; se não amanhecer chovendo, e a neblina cobrir os morros e as torres, terás belo espetáculo, quando o sol romper de todo e der ao terceiro dia das festas da República o necessário esplendor.³

Não tendo podido ver as outras, vi todavia que estiveram magníficas; a grande parada militar, os cumprimentos ao Sr. presidente da República, a abertura da exposição, os espetáculos de gala, as evoluções da esquadra, foram cerimônias bem escolhidas e bem dispostas para celebrar o sexto aniversário do advento republicano. Ainda bem que se organizam estas comemorações e se convida o povo a divertir-se. Cada instituição precisa honrar-se a si mesma e fazer-se querida, e para esta segunda parte não basta exercer pontualmente a justiça e a equidade. O povo ama as coisas que o alegram.

¹ Machado sofria dos olhos e de dores de cabeça; se queixa em outras ocasiões (p. ex. na crônica de 10 de março de 1895 [145]) e no início de 1896 teve que entrar em licença para tratamento de saúde. A crônica também é curta (cem palavras menos que a norma, mais ou menos).

² “Va te promener” em francês, normalmente dito em tom ríspido, quer dizer “Vai embora”, “Fora daqui”.

³ As festas do dia 15 de novembro estão descritas com certo detalhe, com um plano das evoluções da esquadra na baía de Guanabara, na primeira página da *Gazeta*, e de outros jornais, no dia 16.

Agora começam as festas.⁴ Deodoro estava perto do 15 de Novembro,⁵ e tratava-se de organizar a nova forma de governo. Era natural que as festas fossem escassas e menos várias que as deste ano. Certamente, o chefe do Estado era amigo das graças e da alegria. Não foi ainda esquecido o grande baile dado em Itamarati⁶ para festejar o aniversário natalício do marechal. Encheram-se os salões de fardas, casacas e vestidos. Gambetta advertiu um dia que *la République manquait de femmes*.⁷ Compreendia que, numa sociedade polida como a francesa, as mulheres dão o tom ao governo. As de lá tinham-se retraído; depois apareceram outras, supponho. Cá houve o mesmo retraimento; nomes distintos e belas elegantes eliminaram-se inteiramente.⁸ Mas nem foram todas, nem cá se vive tanto de salão.

De resto, como disse acima, Deodoro era amigo das graças; acabaria por chamar as senhoras em torno do governo. Um dia, por ocasião da promessa de cumprir a Constituição, tive ocasião de observar⁹ uma ação que merece ser contada.¹⁰ Foi a

⁴ Isto é, neste ano – nos outros aniversários, desde a fundação (*i.e.*, o 15 de Novembro referido na frase seguinte), a situação política fora tão tensa e incerta que as festas foram impossíveis.

⁵ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar – Aurélio tem “novembro”.

⁶ Este baile, em 5 de agosto de 1890, para celebrar o 63º aniversário do presidente, foi um acontecimento. É interessante ler, na primeira página da *Gazeta de Notícias* do dia 7, o comentário do jornal, que explicitamente contrasta esta festa mundana em grande estilo com a vida mais retraída da “corte” no império. Esta matéria tem três partes: uma introdução, de que citaremos alguns trechos, o *menu* (todo em francês, extensíssimo e luxuoso), e a lista dos convidados, sempre com a desculpa de ter possivelmente omitido alguém. Lá consta o nome do “comendador Machado de Assis” (a comenda era da Ordem da Rosa, condecoração imperial que recebera em 1888); em contraste com alguns outros, o nome vem sozinho, sem a esposa. Aqui vão alguns dos trechos mais significativos: “PALÁCIO ITAMARATY / O baile / O cronista podia limitar-se a dizer que a sociedade fluminense raras vezes tem assistido a uma festa tão brilhante e em que se mostrasse tão acentuada a linha de um completo bom-tom, excepcional em ocasiões destas, porque nós ainda não temos certo hábito de mundo oficial, e porque em matéria de festas de corte guardávamos apenas as tradições deslumbrantes da coroação e do casamento das princesas [1840 e 1865]. Disto, que pode não ser um defeito, nem nós temos a culpa, nem a corte a tinha; e basta evocar os hábitos de concentração e estudos que caracterizaram a vida do ex-imperador, as tendências de sua virtuosíssima esposa para o aconchego do lar doméstico, tendências que ela transmitiu pelo sangue e pela educação para a herdeira do trono, basta isso para que se recorde hoje, como se compreendia ontem, que os solitários salões do paço imperial se abrissem apenas para as conferências políticas, para as palestras íntimas, para os cortejos cheios de convenções, e, muito raramente, para pequenas *soirées* musicais, muito íntimas, muito em família. / (...) / Por isso este baile do chefe do Estado nos causou uma impressão de surpresa. Nós tínhamos tradições de festas tumultuárias, em que a nota principal era a da aglomeração; em que se davam ataques em regra à pastelaria e aos gelados; (...) em que volutas brancas do fumo de charutos entravam pelos salões repletos de senhoras, assim como entram, sem a menor cerimônia, pelas portas dos camarotes nas representações de teatro lírico. / A festa de anteontem foi, entretanto, um contraste formal dessas tradições, e há de constituir, na crônica desta nova fase por que passa nosso espírito, o período inicial de uma sociabilidade que não tínhamos, e que nos tornava vistos aos olhos de quanto observador estrangeiro por aqui andava, sob um aspecto muito *gauche*.”

⁷ Machado já citou esta frase, em português, na crônica de 18 de novembro de 1894 (129). Aparentemente era uma “fórmula famosa”. Léon Gambetta (1838-1882), político carismático, foi um dos fundadores da Terceira República francesa.

⁸ Por discordar do novo regime, por recear do novo mundanismo, ou por desconfiar das galanerias dos militares?

⁹ Como nota Aurélio, Mário de Alencar aqui tem “observei um gesto que merece ser contado” em vez de “tive ocasião de observar uma ação que merece ser contada.”

¹⁰ Parece certo que Machado esteve mesmo presente a esta cerimônia, pelo uso da primeira pessoa (“tive ocasião de observar”, “comparei”), que aconteceu no dia 26 de fevereiro de 1891, e vem noticiada no dia

primeira e única vez que vi o palácio de S. Cristóvão transformado em parlamento, e mal transformado, porque os congressistas, acabada a constituinte, mudaram-se para as antigas casas da cidade. Pouca gente; mais nas tribunas que no recinto, e no recinto mais cadeiras que ocupantes. Anunciou-se que o presidente chegara, uma comissão foi recebê-lo à porta, enquanto o presidente do Congresso, - atual presidente da República, - descia gravemente os degraus do estrado em que estava a mesa para recebê-lo. Assomou Deodoro, cumprimentou em geral e guiou para a mesa; em caminho, porém, viu na tribuna das senhoras algumas que conhecia, - ou conhecia-as¹¹ todas, - e, levando os dedos à boca, fez um gesto cheio de galanteria, acentuado pelo sorriso que o acompanhou. Comparai o gesto, a pessoa, a solenidade, o momento político, e concluí.

Eu comparei tudo - e comparei ainda o presidente e o vice-presidente. Aquele proferia as palavras do compromisso com a voz clara e vibrante, que reboou na vasta sala. Desceu depois com o mesmo¹² aprumo, e saiu. A entrada do vice-presidente teve igual cerimonial, mas diferiu logo nas palmas das tribunas, que foram cálidas e numerosas, ao contrário das que saudaram a chegada do primeiro magistrado. O marechal Floriano caminhou para a mesa, cabeça baixa, passo curto e vagaroso, e quando teve de proferir as palavras do compromisso, fê-lo em voz surda e mal ouvida.

Tal era o contraste das duas naturezas. Quando o poder veio às mãos de Floriano, pelas razões que todos vós sabeis melhor que eu, pois todos sois políticos, vieram os sucessos do princípio do ano,¹³ que se prolongaram e desdobraram até à revolta de setembro¹⁴ e toda a mais guerra civil, que só agora achou termo, neste primeiro ano do governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes.

O corpo diplomático acentuou anteontem esta circunstância, por boca do Sr. ministro dos Estados Unidos, no discurso com que apresentou ao honrado presidente da

seguinte. Depois de votada a Constituição, aconteceu, “num estado de grande exaltação”, a eleição para o primeiro presidente da República. Deodoro ganhou, por 127 votos contra 97 de Prudente de Moraes. Floriano, em quem se tinha pensado como candidato militar contra Deodoro, foi eleito vice-presidente. Neste momento, crescia a oposição a Deodoro, em parte por seu apoio ao barão de Lucena, ministro da Fazenda desde janeiro; este desgaste na sua popularidade cresceu até o golpe de 3 de novembro de 1891, em que tentou firmar-se no poder, e o “contragolpe” de 23 do mesmo mês, em que Floriano o substituiu. Entende-se o contraste entre as duas figuras. Os jornais dão versões ligeiramente diferentes da cerimônia, dependendo das suas posições políticas, pró-Deodoro ou pró-Floriano. A *Gazeta* (antiflorianista) diz que “tanto o Sr. Generalíssimo Deodoro da Fonseca quanto o Sr. General Floriano Peixoto foram recebidos com estrondosos aplausos pelas galerias.” Continua, numa cena que Machado nota: “Ao passar pela tribuna das senhoras, estas atiram flores sobre o generalíssimo, com aplausos de todos. S. Ex. cumprimenta-as comovido, enviando ósculos de agradecimento.” *N’O Paiz*, jornal mais “republicano” e florianista, do mesmo dia, a reportagem acrescenta que, quando o marechal entrou, “as galerias prorrompem em vivas a S. Ex. e à república. E das galerias e do recinto fez-se ouvir uma entusiástica salva de palmas.”

¹¹ Aurélio diz que a *Gazeta* aqui tem, por engano, “conhecidas”. Infelizmente, errou ao transcrever o erro, pois a *Gazeta* tem “conhecias”. Mário de Alencar corrige: “conhecia-as”.

¹² Daqui em diante, falta o texto da crônica na *Gazeta*.

¹³ Machado se refere aos movimentos antiflorianistas dos primeiros meses de 1892; entre outros acontecimentos, o “Manifesto dos treze generais” de 6 de abril, e a tentativa de golpe no dia 10 do mesmo mês.

¹⁴ *i.e.*, a Revolta de Armada, que eclodiu no dia 6 de setembro de 1893.

República as suas felicitações¹⁵ e de seus colegas.¹⁶ O governo que terminou há um ano, só pôde cuidar da guerra; o que então começou, devolvendo a paz aos homens, pôde iniciar de vez as festas novembrinas... *Novembrinas* saiu-me da pena, por imitação das festas *maias* dos argentinos, que são a 25 de maio, data da independência; mas não há mister nomes para fazer festas brilhantes; a questão é fazê-las nacionais e populares.

São obras de paz. Obra de paz é a exposição industrial que se inaugurou sexta-feira, e vai ficar aberta por muitos dias, mostrando¹⁷ ao povo desta cidade o resultado do esforço e do trabalho nacional, desde o alfinete até à locomotiva. Depressa esquecemos os males, ainda bem. Isto que pode ser um perigo em certos casos, é um grande benefício quando se trata de restaurar a nação.



¹⁵ Aqui recomeça o texto na *Gazeta*.

¹⁶ O discurso protocolar do embaixador americano Thomas Thompson, decano do corpo diplomático, está reproduzido na *Gazeta*, p. 1, col. 3.

¹⁷ A *Gazeta* tem “mostando”.